



## **O SER HUMANO NO MUNDO: reflexões antropológicas freirianas**

### **THE HUMAN BEING IN THE WORLD: freirean anthropological reflections**

Caio Vinicius Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, busca-se compreender o *conceito de Homem* apresentado por Paulo Freire (1921-1997), pois “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 1979, p. 14). Para isso, este será dividido em algumas partes de forma a apresentar o contexto sociopolítico em que se encontram as obras de Freire, bem como salientar a sua figura como filósofo e educador para, posteriormente, mostrar a conceituação de homem segundo Freire, partindo dos elementos basilares que constituem o homem enquanto ser de busca, passando por três características marcantes do ser humano, que são o inacabamento, as relações e o diálogo.

**Palavras-chave:** Ser Humano. Inacabamento. Relações. Diálogo.

**Abstract:** This article seeks to understand the concept of Man presented by Paulo Freire (1921-1997), because "it is not possible to reflect on what education is without reflecting on man himself" (FREIRE, 1979, p. 14). To this end, it will be divided into some parts in order to present the socio-political context in which the works of Freire are found, as well as to highlight his figure as a philosopher and educator, to later show the conceptualization of man according to Freire, starting from the basic elements that constitute man as a being of search, passing through three striking characteristics of the human being, which are inaction, relationships and dialogue.

**Keywords:** Human Being. Inaction. Relationships. Dialogue.

## **1 INTRODUÇÃO**

Torna-se caro para a filosofia o fato de que toda reflexão recebe influência do seu tempo e isso não é diferente com o pensamento de Paulo Freire<sup>2</sup>, “educador e pensador; talvez o homem de

---

<sup>1</sup> Aluno do VI período do curso eclesialístico de bacharelado em Filosofia do Instituto Filosófico São José do Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores da Diocese da Campanha – MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4667-4612>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285274185129211>. E-mail: [caiofernandes0823@gmail.com](mailto:caiofernandes0823@gmail.com)

<sup>2</sup> O pensamento do filósofo Paulo Freire se dá no campo da filosofia da educação, em específico na pedagogia. Ele elaborou uma filosofia e um método de alfabetização de adultos aplicado em diversos países do mundo como Chile, Bolívia, Guiné-Bissau, Angola, Quênia, Cuba e Brasil (OLIVEIRA, 2004, p. 5). Nascido em 19 de setembro 1921, na capital do estado brasileiro de Pernambuco, Recife, Paulo Freire pôde experimentar, em seus primeiros anos, as dificuldades primárias como estudante, dada às desigualdades sociais enfrentadas na região nordestina. Sua primeira experiência de alfabetização em Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963, fez dele um pensador peculiar e inovador.

cultura brasileiro mais conhecido no mundo” (OLIVEIRA, 2004, p. 5). Nesse sentido, a reflexão freiriana tem como ponto de partida a situação latino-americana, especialmente a situação brasileira (OLIVEIRA, 2004, p. 56).

Segundo Cotrim; Fernandes (2013, p. 305), a produção filosófica no século XX foi múltipla e ampla. Poucas convicções do século XIX continuaram intactas, pois os resultados esperados pelos cientistas, capitalistas, românticos, socialistas e filósofos não se concretizaram<sup>3</sup>, fato que caracterizou esse período recente da história como uma *Era de Incertezas*<sup>4</sup>.

Além disso, muitas barbáries aconteceram na primeira metade do século XX, haja vista as duas grandes guerras mundiais que derramaram sangue em uma escala jamais testemunhada na história recente da humanidade<sup>5</sup>. Como um fato positivo, houve um salto no campo da tecnologia, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, dando impulso a uma era de grandes realizações do ser humano, passando pela ida do homem estadunidense à lua, em 1969, culminando na *Era digital*, que, em linhas gerais, diz respeito ao período iniciado na Terceira Revolução Industrial e consolidado no fim do século XX, comumente associado à otimização da tecnologia e das informações no mundo. É essa nova era que dá sentido à sociedade atual, transformando seu jeito de ser, pensar, comunicar e trabalhar.

Faleceu aos 2 dias do mês de maio, em 1997, aos 75 anos, mas seu legado filosófico ainda perpetua, principalmente neste ano de 2021 em que se comemora o centenário de seu nascimento. Todavia, antes do golpe de estado ocorrido em 1964, a alfabetização de adultos se fazia mediante o uso do Sistema Paulo Freire. Diante da perseguição militar, o Método Paulo Freire foi ignorado no Brasil, contudo, sua teoria dialógica foi implantada em outros países, principalmente os da América Latina. Patrono da educação brasileira, pai e professor, Paulo Freire e o seu projeto de Angicos emitiam a mensagem de que “o analfabeto é alguém!” O projeto durou apenas 45 dias, mas o desejo de mudança permaneceu forte. Voltou ao Brasil depois do fim da ditadura militar, empecilho à divulgação de seu projeto inovador, e ajudou no processo de redemocratização do país, sendo secretário da Educação no governo de Luiza Erundina como prefeita da Grande São Paulo, de 1989 a 1991. Antes de voltar ao Brasil, Paulo Freire viveu no Chile de 1964 a 1970, ano em que foi para Genebra, onde foi o consultor do Conselho Mundial das Igrejas, proferindo conferências e se tornando conhecido em toda a Europa. Apaixonado pela educação, a ideia referencial que transcorre toda a obra de Paulo Freire, é a necessidade de transmitir a consciência de que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019c, p. 95).

<sup>3</sup> Pode-se considerar que o século XIX foi marcado por grandes convicções. “Os cientistas, por exemplo, acreditavam enormemente no progresso tecno-científico; os capitalistas, nas vantagens da expansão industrial; os românticos, no valor da pátria e dos sentimentos nacionais; os socialistas, na construção do socialismo como solução para os problemas sociais. E, no âmbito da filosofia, muitos pensadores continuavam confiantes no poder da razão” (COTRIM; FERNANDES, 2013, p. 305).

<sup>4</sup> A expressão *era das incertezas* foi consagrada a partir da publicação do livro do economista John Kenneth Galbraith intitulado *A era da incerteza*. Nesse livro, o autor compara as grandes convicções do pensamento econômico do século XIX e como elas foram se deteriorando ao longo do século XX.

<sup>5</sup> A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi uma disputa mais particular entre campos de batalha, tendo o seu desenvolvimento no continente europeu. Ainda tendo como ponto de partida a Europa, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ocorreu em maior proporção, pois os outros continentes também participaram dessa grande Guerra. Esta foi um confronto de ideologias: o fascismo italiano, o nazismo alemão e o comunismo soviético contra às democracias dos Estados Unidos, França e da Inglaterra. Foi um período em que a radicalidade da razão foi intransigente, pois muitas ideologias, principalmente o nazismo, praticaram atrocidades como a execução e confinamento de muitos civis inocentes, entres eles judeus, ciganos e homossexuais.

No entanto, esse mesmo avanço tecnológico também trouxe a **corrida armamentista**, a ameaça da **destruição atômica** e a **degradação ambiental**. E pouco contribuiu para diminuir as profundas **desigualdades sociais** no planeta. Calcula-se que, ainda hoje, cerca de 80% da renda mundial esteja concentrada nas mãos de 15% da população e mais da metade da humanidade enfrenta problemas de desnutrição, falta de moradia, desamparo à saúde e à educação. (COTRIM; FERNANDES, 2013, p. 306, grifo do autor).

Na perspectiva de profundas desigualdades sociais no planeta, encontram-se nas obras de Paulo Freire muitas citações explícitas sobre a situação da maioria da população latino-americana que, na visão de Oliveira (2004, p. 56), é um contexto marcado pela opressão, dependência e marginalidade.

Segundo Oliveira (2004, p. 57), a opressão significa sufocamento e é o governo que se sustenta pela violência, culminando na desumanização. Paulo Freire se interessa pela “opressão em si e o modo de superá-la para que o homem seja humanizado; isto é, seja uma pessoa livre e capaz de emitir um juízo crítico sobre a realidade e pronunciar uma palavra sobre o mundo”. Desse modo, a falta de amor torna-se expressão evidente do medo da liberdade.

A dependência, por outro lado, é reflexo da opressão e gera uma espécie de subdesenvolvimento, expressão comumente usada para qualificar os países latino-americanos. Esse “é o resultado da dependência que um país ou um grupo de países impõe sobre um outro” (OLIVEIRA, 2004, p. 59). É nesse sentido que a dependência, segundo Freire, se dá: quando a sociedade, que não rompe a relação de dependência sujeita a ela, vive a cultura do silêncio, que basicamente se refere à negação do direito do homem de pronunciar sua palavra diante do mundo.

A marginalidade diz respeito à visão da América Latina no mundo, colocada constantemente “à margem das grandes questões mundiais. Onde existem a opressão e a dependência, existe a marginalidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 59). A grande preocupação de Paulo Freire é fazer do oprimido um ser livre, que não seja mais marginalizado, mas um homem consciente e humanizado. Dessa maneira, a educação problematizadora aparecerá como remédio às diversas questões provocadas pela opressão, pela dependência e pela marginalidade.

Em seu texto para o V Centenário de Descobrimento da América (em *Pedagogia da Indignação*), Paulo Freire faz uma afirmação: “o passado não muda” (FREIRE, 2000, p. 34). Segundo o autor, não houve descobrimento da América, mas uma conquista<sup>6</sup>. Por isso, essa conquista ou invasão não pode ser motivo para comemoração, pois esse acontecimento se constitui

---

<sup>6</sup> “E sobre a conquista, meu pensamento em definitivo é o da recusa. A presença predatória do colonizar, seu incontido gosto de sobrepor-se, não apenas ao espaço físico, mas ao histórico e cultural dos invadidos, seu mandonismo, seu poder avassalador sobre as terras e as gentes, sua incontida ambição de destruir a identidade cultural dos nacionais, considerados inferiores, quase bichos, nada disto pode ser esquecido quando, distanciados no tempo, correremos o risco de ‘amaciar’ a invasão e vê-la como uma espécie de presente ‘civilizatório’ do chamado Velho Mundo” (FREIRE, 2000, p. 34).

marcante para a luta dos oprimidos e, nesse sentido, torna-se necessário homenagear os que agora lutam contra as invasões, e não os conquistadores.

E se tivesse de falar dos principais ensinamentos que a trágica experiência colonial nos dá, eu diria que o primeiro e mais fundamental deles é o que deve fundar a nossa decisão de recusar a espoliação, a invasão de classe também como invasores ou invadidos. É o ensinamento da inconformidade diante das injustiças, o ensinamento de que somos capazes de decidir, de mudar o mundo, de melhorá-lo. O ensinamento de que os poderosos não podem tudo; de que os frágeis podem fazer, na luta por sua libertação, de sua fraqueza a força com a qual vencem a força dos fortes. (FREIRE, 2000, p. 34).

A partir disso, a situação latino-americana pode ser caracterizada pelo conceito de *cultura do silêncio* apresentado por Paulo Freire. Esse conceito é “efeito da ação colonizadora e causa da estrutura de dominação que transforma a sociedade colonizada em sociedade fechada<sup>7</sup>” (OLIVEIRA, 2004, p. 63-64). Dessa maneira, ser silencioso diz respeito ao não dizer nenhuma palavra autêntica sobre o mundo. “Significa repetir a palavra que outros já disseram e contentar-se com ela” (OLIVEIRA, 2004, p. 64).

A situação latino-americana escancara a significação deste conceito que impossibilita homens e mulheres de se manifestarem como sujeitos e protagonistas da história. Em síntese, a cultura do silêncio constitui “o resultado de ações político-culturais das classes dominantes, produzindo sujeitos que se encontram silenciados, impedidos de expressar seus pensamentos e afirmar suas verdades” (OSOWSKI, 2019, p. 121).

Os submersos na cultura do silêncio se acham inferiores à classe dominante (OSOWSKI, 2019). Eles se inserem no já vivido ou naquilo que, mesmo apresentado num tom diferente, se mostra como pronto e acabado. A interferência na realidade lhe é negada e a participação e compreensão de ações transformadoras não lhe são oferecidas.

Na obra *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1981), Paulo Freire publica o texto *O papel educativo das Igrejas na América Latina*, escrito em 1971. Nesse escrito, o educador brasileiro comenta os principais desafios da Igreja Católica na América Latina, principalmente quando diz que, ao se privar de sua missão evangelizadora, a Igreja proíbe o cristão de fazer a experiência pascal e se torna “uma Igreja ‘morrendo de frio’, sem condições de responder aos anseios de uma juventude inquieta [...] que se encontra desafiada pela dramaticidade do seu tempo” (FREIRE, 1981, p. 90).

---

<sup>7</sup> Por sociedade fechada, Paulo Freire, inspirado em Hegel, afirma que toda situação de dominação cria duas formas opostas de consciência: a do senhor e do escravo. Nesse sentido, “a sociedade manipuladora se reproduz, estruturalmente nas sociedades dependentes, que por sua vez geram no seu interno elites dominadoras. Conseqüentemente, na sociedade fechada os homens são duplamente dominados: pertencem a uma sociedade que é objeto e ao interno desta sociedade são submissos a uma elite” (OLIVEIRA, 2004, p. 61-62).

Esse drama foi fator predominante para a filosofia de Paulo Freire, muito pelo problema fundamental da América Latina que, nas palavras dele (1981, p. 90), não é a preguiça do povo ou sua inferioridade e falta de educação, mas o imperialismo visto como uma presença invasora e destruidora. Sobre isso, Freire diz sobre a impossibilidade de haver uma neutralidade política.

Por isso mesmo, se torna inviável discutir esse papel [das Igrejas na América Latina] abstratamente, uma vez que ele, como a concepção da educação, seus objetivos, métodos, conteúdo, tudo está condicionado pela opção resultante desta impossibilidade. (FREIRE, 2000, p. 93).

Portanto, caracterizado historicamente pela cultura do silêncio, o contexto latino-americano foi de suma importância para as obras de Paulo Freire<sup>8</sup>, principalmente “para compreender que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico e político” (ADAMS; STRECK, 2019, p. 38). Nessa perspectiva, a filosofia da educação de Paulo Freire tenta compreender a relação com as heranças histórico-culturais que marcaram o continente americano<sup>9</sup>.

Freire soube “construir uma teoria pedagógica trabalhando aspectos antropológicos, epistemológicos, éticos e políticos relacionados com o processo educativo do ser humano, articulando-os com os desafios das sociedades contemporâneas” (ZITKOSKI, 2010, p. 9). Com isso, ele afirma a importância do diálogo no processo formativo do ser humano, por meio da denúncia de um mundo desumanizado, desafiando o mundo a pensar alternativas em direção a uma Pedagogia da esperança (ZITKOSKI, 2010, p. 13).

Nesse sentido, sobre o tipo de filosofia sustentado por Paulo Freire, Oliveira (2004, p. 28-29) afirma ser tão amplo que se torna difícil identificar uma corrente filosófica conveniente ao seu pensamento, no entanto, a maioria dos estudiosos sustenta a tese da existência de um pensamento humanista<sup>10</sup> em suas obras.

<sup>8</sup> “A íntima relação de Paulo Freire com a América Latina ampliou-se a partir da experiência do exílio em outros países, com destaque para o Chile, e perpassa as suas obras” (ADAMS; STRECK, 2019, p. 38).

<sup>9</sup> “Na revisão de dez de suas obras, aparece, pelo menos, 88 vezes ‘América Latina’, sendo 41 vezes somente no livro *Ação cultural para a liberdade*. Em *Pedagogia da indignação*, aparece 17 vezes, incluindo as expressões ‘América’, ‘americano’, ‘americanidade’. Em *Pedagogia do oprimido*, ‘América Latina’ aparece quatro vezes (e latino-americanos, duas) no contexto de denúncia à ‘guerra invisível’ da miséria, suas causas estruturais e responsabilidades” (ADAMS; STRECK, 2019, p. 39).

<sup>10</sup> O humanismo pode ser entendido de duas maneiras: a primeira diz respeito ao movimento literário e filosófico que constituiu a origem da cultura moderna e, a segunda, na qual se pode enquadrar o pensamento freiriano, diz respeito a “qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem [...]. Em sentido mais geral, pode-se entender por H. qualquer tendência filosófica que leve em consideração as possibilidades e, portanto, as limitações do homem, e que, com base nisso, redimensione os problemas filosóficos” (ABBAGNANO, 2007, p. 518-519).

Segundo o *Dicionário Paulo Freire* (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2019, p. 19), a intenção do filósofo Freire é a construção de fundamentos teórico-metodológicos para uma educação libertadora e, para isso, quatro elementos são referências imprescindíveis:

O primeiro elemento é a *ousadia epistemológica*, na qual Freire “busca inovar a partir da realidade do oprimido em diálogo com os instrumentos de análise da reflexão teórica” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, p. 19). Nesse sentido, a educação humanista-libertadora de Freire busca fazer uma síntese entre a fenomenologia<sup>11</sup> e a dialética<sup>12</sup>, tendo como compromisso central a realidade latino-americana, não repetindo as estruturas pré-definidas, mas analisando os fenômenos concretos que marcam a história do povo latino.

O segundo elemento é o *engajamento político*, que se constitui uma posição política em favor dos oprimidos. Nesta perspectiva, torna-se importante retomar a obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2019c) que busca uma pedagogia com o povo e não para o povo. A realidade opressora é o ponto de partida para o pensamento freiriano e a partir dela se faz a denúncia de um mundo em que as formas de opressão são abundantes, destacando, ao mesmo tempo, a importância de um processo educativo humanizador (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2019, p. 20).

O terceiro elemento é o *pensar esperançoso*, que configura Freire como um pensador utópico, pois reforça o valor do sonho como um caminho de emancipação dos oprimidos. Freire “é otimista em sua forma de entender o ser humano enquanto ser histórico e social. Somos todos vocacionados para ser mais e jamais estamos condenados a repetir o que já somos” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2019, p. 20).

O quarto e último elemento é a *atualidade do pensamento de Freire*, que inspirou processos educativos em todo o mundo, tendo uma inegável influência na filosofia e na teologia latino-americana.

---

<sup>11</sup> A fenomenologia foi uma forte influência ao pensamento de Paulo Freire, principalmente com a reflexão de Edmund Husserl que “apontou em seus trabalhos que é impossível separar a consciência do mundo da vida” (OLIVEIRA, 2004, p. 49). Em linhas gerais, Freire assume alguns conceitos da fenomenologia, relacionando-os à estrutura social. Os momentos e as possibilidades de conhecimento são quatro: o primeiro é a *intencionalidade*, isto é, a consciência de um objeto é sempre direcionada em direção ao outro; o segundo movimento é a *objetividade*, isto é, a transformação da “coisa em si” em objeto de conhecimento através da consciência; o terceiro movimento é a *críticidade* na qual a consciência atravessa a “coisa em si” a fim de descobrir as leis de desenvolvimento do objeto; e o quarto e último movimento é a *transcendentalidade* que Paulo Freire entende como a capacidade do conhecimento de ultrapassar as limitações que configuram a objetividade (OLIVEIRA, 2004, p. 50-51). No segundo capítulo deste presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o conceito de transcendentalidade será melhor trabalhado, aqui vale a explicação que “essa transcendentalidade é eminentemente ‘finita’; é uma propriedade e um traço característico do ser humano” (OLIVEIRA, 2004, p. 51).

<sup>12</sup> É com Hegel que o movimento dialético retorna como tema central da filosofia e, por isso, tem forte influência no pensamento de Paulo Freire, pois anima toda ação pedagógica ao assumir uma postura investigadora. Primeiramente, ele aceita a dialética hegeliana, para, posteriormente, discutir e dialogar com a dialética de Karl Marx. Assim, “aceitando a dialética marxista, Paulo Freire encontra contradição na realidade social. A análise que ele faz da realidade chega à conclusão idêntica ao ponto de partida: a sociedade está dividida em opressores e oprimidos. [E] os opressores são os responsáveis principais pelo mal que ocorre na América Latina” (OLIVEIRA, 2004, p. 40).



O maior desafio que Freire lançou a si mesmo – e a quem compartilha do mesmo sonho e da mesma utopia – é a humanização do mundo por meio da ação cultural libertadora. Esse desafio, sem sombra de dúvidas, continua hoje mais atual do que há vinte ou trinta anos e requer de nós, seres humanos, sujeitos da história, um compromisso ético e político claramente definido em favor da transformação da realidade. (ZITKOSKI, 2010, p. 15).

A partir disso, notam-se as grandes questões históricas e existenciais que marcaram e influenciaram o pensamento filosófico de Freire, bem como o de toda filosofia latino-americana. Consequentemente, foram muitas as indagações que emergiram e ainda emergem na reflexão filosófica do século XX que, não resistente, o filósofo discutirá em suas obras, tais como o conceito de homem e o papel ético-político da educação na formação integral desse homem. Desse modo, “a reflexão filosófica tem uma finalidade muito precisa no pensamento de Paulo Freire: oferecer subsídios para a elaboração de uma antropologia que identifique quem e como é o homem com o qual o educador se encontra” (OLIVEIRA, 2004, p. 29).

## 2 O CONCEITO DE HOMEM NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE PAULO FREIRE

Dentro do pensamento freiriano, o homem e a sua humanização são o princípio fundador de um projeto que pretende reconstruir a sociedade, estruturado ao longo de toda vida e obra de Freire (KIMIECIKI, 2019). A intenção basilar desse projeto “visa empoderar todos os Seres Humanos para que eles possam ser” (KIMIECIKI, 2019, p. 249) capazes de intervir, criticar, mudar e transformar o mundo.

Mas, para isso, como afirma Freire (1979, p. 14), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Assim, a intenção primeira do filósofo é discutir o lugar do homem no mundo, bem como suas características primárias para depois refletir sobre o papel da educação na formação desse homem.

Segundo o filósofo e padre jesuíta Henrique Claudio de Lima Vaz, em sua obra *Antropologia Filosófica I* (VAZ, 2000, p. 9), desde o início da cultura ocidental, a reflexão sobre o homem é permeada pela pergunta “o que é o homem”, perpassando pelas mais variadas interpretações na filosofia, ciência, literatura, mito, ética e política<sup>13</sup>.

Assim, torna-se perceptível a singularidade do pensamento antropológico de Freire que:

---

<sup>13</sup> Basicamente, é interessante entender o fato de que várias ciências colocaram o homem como objeto de estudo, apresentando, porém, diferenças fundamentais, que as distinguem. Nessa perspectiva, a biologia estuda o homem como ser vivo; a zoologia, como ser animal; a filosofia, como ser racional; a teologia, na relação com Deus e a psicologia, em sua psique, por exemplo.

[...] irrompe na cena histórica (mais concretamente a partir da educação), propondo uma antropologia política que leva a reflexão sobre o homem a uma instância tal que o “humano” deixa de ser estudado setorialmente para ser revisto a partir de uma síntese global, em que o aspecto antropológico, o pedagógico, o político, o filosófico e, inclusive, o teológico encontram-se intimamente unidos. (TORRES NOVOA, 2014, p. 37).

Basicamente, o pensamento freiriano encontra-se marcado pela congruência de vertentes filosóficas distintas, reunindo os pensamentos existencial, fenomenológico, marxista e hegeliano<sup>14</sup>. Porém, Freire dá ênfase e maior peso à dialética hegeliana para o seu discurso antropológico que “é, principalmente, *uma* resposta à relação Consciência (como ser social) e História (como ser Histórico)” (TORRES NOVOA, 2014, p. 38).

Ao fazer essa relação entre consciência e história, isto é, entre o ser social e histórico do homem, Paulo Freire coloca o homem como um ser de busca constante por *ser mais*. Essa particularidade de *ser do homem* faz com que ele possa fazer uma autorreflexão, podendo, assim, descobrir-se como ser inacabado, em uma constante busca por satisfação de seus interesses (TORRES NOVOA, 2014).

A compreensão de *Homem*<sup>15</sup>, enquanto ser de busca, leva às três características principais do ser humano que serão contempladas ao longo desse texto: o seu inacabamento; a sua relação no mundo, com o mundo e pelo mundo; e sua capacidade de diálogo.

## 2.1 O homem enquanto ser inacabado e inconcluso

O primeiro atributo basilar que define e identifica o homem, segundo Paulo Freire (2019c), é o seu inacabamento, sua inconclusão. Freire reconhece os homens como seres que *estão sendo*<sup>16</sup>, “inconclusos *em* e *com* uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 2019c, p. 102). Diferente dos animais que são apenas inacabados, pois não têm a consciência disso, os homens são históricos e têm a consciência de sua inconclusão (FREIRE, 2019c, p. 102).

---

<sup>14</sup> “A filosofia subjacente do pensamento freiriano se configura, a partir de vertentes filosóficas distintas, em um amálgama de envergadura, reunindo, em confluência, o pensamento existencial (o homem como ser em construção), o pensamento da fenomenologia (o homem constrói sua consciência enquanto intencionalidade), o pensamento marxista (o homem vive no dramatismo do condicionamento econômico da infraestrutura, e do condicionamento ideológico da superestrutura) e a dialética hegeliana (o homem, como Autoconsciência, parte da experiência comum para elevar-se à Ciência e, por meio do movimento de devir dialético, o que é *em si* passa a ser *em e para si*)” (TORRES NOVOA, 2014, p. 37-38).

<sup>15</sup> Todas as vezes em que a palavra homem estiver escrita com a inicial maiúscula, refere-se ao conceito de homem apresentado por Freire.

<sup>16</sup> “A palavra ‘estar’ dá um significado dinâmico, de processo, de evolução, ao ‘ser’ cuja conotação é estática” (GADOTTI, 1996, p. 722).



Ao encarar suas ações, o homem, por exemplo, pode refletir sobre elas, além de analisá-las criticamente, com a finalidade de atingir determinados objetivos, para, então, sempre que as repetir, poder agir da forma mais consciente possível, culminando no êxito da supressão de suas necessidades e compartilhamento de seus saberes com as outras pessoas.

Como afirma Oliveira (2004, p. 101), para o homem, “o saber-se inacabado possibilita-lhe uma reflexão crítica sobre si mesmo e uma abertura em direção ao mundo, também inacabado, que se torna objeto a ser humanizado e palco da sua humanização”. E, assim, continua Freire (2019a, p.50): “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

Dessa maneira, homens e mulheres devem se afirmar como sujeitos autônomos e não como mero objetos das experiências humanas. Ser sujeito torna-se a vocação natural da pessoa humana, fato que conduz à participação do homem no mundo em seu permanente movimento de busca.

Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento. Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros. (FREIRE, 2019c, p. 104).

Para Freire (OSOWSKI, 2019, p. 441), existem dois tipos de homens: o homem sujeito e o homem objeto. O primeiro é integrado à realidade, dialoga e age em comunhão com os outros homens que também são sujeitos. Dessa maneira, o homem sujeito tem a capacidade de interferir e alterar o mundo; já o homem objeto existe como uma coisa material, à qual se dirigem o pensamento e a ação. São seres coisificados, desumanizados, que não têm a capacidade de alterar a realidade e, por isso, vivem “a percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista” (FREIRE, 2019c, p. 104). Cabe salientar que Paulo Freire vê a incompletude não como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora que apenas limita o homem (FREIRE, 2019c).

A partir disso, duas características da ideia de inacabamento são apontadas (TROMBETTA; TROMBETTA, 2019). A primeira diz respeito à insatisfação do homem, que nunca se sente realizado com o que conquistou e sempre busca agir no mundo e na história a fim de satisfazer seus desejos. Porém, “nenhum humano é jamais tudo o que pode ser. Há sempre mais a saber, a amar e a fazer. O humano jamais acaba de tornar-se humano” (TROMBETTA; TROMBETTA, 2019, p. 261).

Em segundo lugar, o existir humano é marcado pela dinamicidade. Há sempre no homem o conflito entre o já conquistado e as possibilidades futuras que lhe são apresentadas. Nesse sentido, o ser humano sempre aspira algo e isso está intimamente ligado à sua insatisfação. Porém, os anseios são pontos positivos na vida humana e ao destruí-los, se destrói também o próprio homem (TROMBETTA; TROMBETTA, 2019, p. 261).

Por fim, dentro desse pensamento, a educação torna-se fundada e edificada como um processo permanente:

Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. Não sou esperançoso, disse certa vez, por pura teimosia, mas por existência ontológica. (FREIRE, 2019a, p. 57).

A ideia de inacabamento, dentro da concepção antropológica de Freire (TROMBETTA; TROMBETTA, 2019, p. 261), deseja afirmar que o homem não é uma realidade pronta, fechada e estática, mas um ser em construção que, relacionando-se com os outros indivíduos, desenvolve um conhecimento intelectual, moral e afetivo. “É essa condição de inacabamento que nos enche de esperança em relação ao futuro, pois sabemos que sempre podemos ser mais humanos do que já somos” (TROMBETTA; TROMBETTA, 2019, p. 260). Cabe salientar, também, que é a partir da riqueza existencial do ser humano, o seu inacabamento, que é possível a educação. Por ser inacabado, incompleto e ter consciência disso, o homem se educa e busca viver em sociedade. Dessa maneira, esse primeiro atributo basilar do ser do homem leva à sua segunda característica: o homem como ser de relações.

## 2.2 O homem enquanto ser de relações

Dentro da concepção antropológica de Freire (OLIVEIRA, 2004), nota-se que o homem pode ser visto como um ser de busca, isto pode inferir que além de ser inacabado e consciente de seu inacabamento, o ser humano é um ser de relações “cujas abrangências são muito amplas e profundas” (KIMIECIKI, 2019, p. 250), pois esse conceito “guarda em si, [...], conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade” (FREIRE, 2020, p. 55).

Interessante observar que o homem “faz uma dupla experiência imediata: sente-se parte e, ao mesmo tempo, dependente do mundo. Sente-se não só como ser no mundo, mas sabe que sua existência se constrói com o mundo” (OLIVEIRA, 2004, p. 83). Isso significa que o ser humano

não pode ser somente um ser de contatos, pois não apenas está no mundo, mas está com o mundo. Tal modo especial de ser revela a autenticidade da existência humana, relacionada ao fato de que o ser humano é capaz de decidir, transformar e sonhar com um mundo diferente.

Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade. Esta relação homem – realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, come [sic] também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir. (FREIRE, 1979, p. 8).

A dinâmica estabelecida com o mundo se torna uma relação de integração, fundada na capacidade do homem de agir e transformar o mundo ao seu redor, diferente dos contatos que são o “modo de ser próprio da esfera animal, [e que] implicam, ao contrário das relações, respostas singulares, reflexas e não reflexivas e culturalmente inconsequentes” (FREIRE, 2020, p. 59).

Essa distinção é ainda mais bem expressa por Freire (2020) quando apresenta a necessidade do ser humano em ter uma permanente atitude crítica, em que ele possa valer sua capacidade de decisão, sendo esta o “único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época” (FREIRE, 2020, p. 61).

Freire, em *Educação como Prática da Liberdade* (2020), afirma que “há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios” (FREIRE, 2020, p. 55). O homem, instalado no mundo, encontra-se capaz de responder criativamente aos desafios que lhe são propostos. Esse movimento faz com que ambos sejam transformados e alterados. “O ser humano não só está no mundo, pois não é um ser passivo totalmente adequado a ele, mas um ser que faz escolhas, que toma decisões e que, por isso mesmo, se tornou uma presença no mundo” (ZITKOSKI, 2010, p. 46).

A capacidade de escolha apresenta ou mostra como também as relações humanas podem ser permeadas pela *criticidade*, na qual o homem, dotado de consciência e racionalidade, encontra-se capaz de colher os dados materiais do mundo, relacionando-os entre si, fazendo também uma conexão entre os fatos. Por esse motivo, segundo Freire (2020, p. 56), a criticidade presente na relação do homem com o mundo é “reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender” (FREIRE, 2020, p. 56). Desse modo, a criticidade faz com que o homem reflita sobre a realidade em torno dele, assumindo a postura de um

sujeito cognoscente de um objeto cognoscível: uma particularidade que é própria de todos os seres humanos e não privilégio de alguns.

Com isso, “Paulo Freire mostra que no mundo o homem é chamado a existir e não só a viver” (OLIVEIRA, 2004, p. 84). A existência humana toma caráter reflexivo no pensamento freiriano: o homem não está no mundo somente para viver, isto é, para nascer, crescer, reproduzir e morrer. No entanto, ao relacionar-se com o mundo, o ser humano estabelece uma ligação crítica e comunicativa com o *cosmos*, e isso implica sair de si mesmo (OLIVEIRA, 2004).

Desta forma, as relações do homem são consequentes e transcendentas, “resultante da criação e recriação que assemelha o homem a Deus” (FREIRE, 1979, p. 16). Se o homem estivesse apenas no mundo e não com o mundo, a transcendência não ocorreria, pois o ser humano não saberia distinguir entre um eu e um não-eu. Desse modo, a transcendentalidade faz o homem ter a capacidade de “relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender” (FREIRE, 1979, p. 15).

A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem dessa finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação (FREIRE, 2020, p. 56).

De modo geral, “no ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade” (FREIRE, 2020, p. 56-57). E Paulo Freire continua: “o homem existe – *existire* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga [como os animais], emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 2020, p. 57). A temporalidade existe, pois, como a característica que “estrutura o presente, o passado e o futuro, conferindo-lhes um sentido humano que se cristaliza na cultura e se faz história” (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

Assim, as relações dentro da concepção antropológica freiriana, que em resumo, como apresenta Paulo Freire em *Educação e Mudança* (1979), são reflexivas, consequentes, transcendentas e temporais; e os contatos são reflexos, inconsequentes, intranscendentas e intemporais (FREIRE, 1979, p. 17). “O homem se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz homem-história” (FREIRE, 1979, p. 16) e o animal, ao contrário, está *sob o tempo*. Para ele, o ontem, o hoje e o amanhã não existem. Deus, nessa perspectiva, está *sobre o tempo*, pois para ele não existe o tempo, dado ele ser um Ser Eterno<sup>17</sup>. Nesse sentido, o homem

<sup>17</sup> “Deus vive no presente e para ele o meu futuro é presente. Por isso não podemos dizer que Deus prevê, mas que vê tudo no seu presente” (FREIRE, 1979, p. 16).

“está no tempo e abre uma janela no tempo: dimensiona-se, tem consciência de um ontem e de um amanhã” (FREIRE, 1979, p. 16).

Tais conotações apresentadas por Freire (2020) afirmam a existência de uma “antropologia política freiriana” (TORRES NOVOA, 2014, p. 40), pois “o objetivo constante das suas reflexões é levar o povo a assumir a responsabilidade política da história” (OLIVEIRA, 2004, p. 105).

Toda essa visão política do homem em Paulo Freire afirma a responsabilidade que o ser humano tem para com o mundo. “O homem é um contínuo fazer-se (eis aqui o filão existencialista por excelência em Freire). O homem é um ser projeto” (TORRES NOVOA, 2014, p. 41). Desse modo, o homem pode se confrontar com os desafios próprios de sua história e, a partir disso, consegue contribuir para com ela.

Nesse intento, Paulo Freire busca colocar o homem como o verdadeiro protagonista da história, esta que pode ser limitada “quando sua consciência permanece mágica ou semi-intransitiva” (TORRES NOVOA, 2014, p. 41). Sendo assim, a intenção da antropologia freiriana torna-se clara: fazer com que os homens captem os desafios da época, afirmando a sua existência histórica, sempre compartilhando o seu saber e sua experiência já vivida<sup>18</sup>.

Essa intenção deve ser permeada de uma atitude crítica, a fim de que o homem possa captar a realidade profundamente, podendo modificar, transformar e alterar o ambiente em que se insere, “mas não o pode recriar já que, em certa medida, é independente dele. Ao contrário, pode e deve recriar e revolucionar o mundo sociocultural uma vez que é fruto de sua própria atividade histórico-cultural” (TORRES NOVOA, 2014, p. 43).

As relações do homem se dão com o mundo, no mundo e pelo mundo. Tal particularidade mostra a importância da pessoa do outro, não só para as relações, mas para o diálogo e comunicação. Assim, nessas relações, vê-se que “é nas buscas feitas com os outros, [...], transcendendo as dimensões de espaço e de tempo, que os Homens acabam dando sentido a tudo e, assim, configurando sua existência no mundo” (KIMIECIKI, 2019, p. 250).

---

<sup>18</sup> Uma grande preocupação de Paulo Freire, nesse sentido, está em dar dignidade às culturas indígenas, para que elas também possam exercer sua capacidade de transformação e interação no mundo. “Sem dúvida, as culturas indígenas provocaram, na síntese cultural latino-americana, uma irrupção conceitual muito profunda. Poucas definições sobre o homem são tão profundas quanto a expressão **quechua** que o define como ‘terra que caminha’. Entretanto, o camponês continua morrendo por deficiência de atendimento sanitário, seus filhos vivem descalcificados e subnutridos, sua média de educação em condições ótimas não vai além do Ensino Médio, suas expectativas de vida não ultrapassam os 35 anos. Nessa batalha cultural, a cultura nativa se vê deslocada. Esse fato é reconhecido por todos aqueles que valorizam seus excelentes valores humanos como, por exemplo, o alto coeficiente de solidariedade e comunitarismo do indígena” (TORRES NOVOA, 2014, p. 42, grifo do autor).

Desse modo, os homens, admiradores do mundo, são seres do *quefazer*<sup>19</sup> (KIMIECIKI, 2019), podendo conhecer e transformar o mundo a partir do seu trabalho, sendo que essa tarefa só se dará a partir do reconhecimento do outro como sujeito.

Nem todos temos a coragem deste encontro e nos enrijecemos no desencontro, no qual transformamos os outros em puros objetos. E, ao assim procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela. Matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são o próprio dos opressores. (FREIRE, 2019c, p. 174).

Assim, as expressões “dividir para conquistar” e “dividir para reinar”, por exemplo, utilizadas por muitos líderes ao longo da história, não são inseridas pelo caráter relacional que marca o fundamento antropológico de Freire, visto que “as relações entre os homens que, por serem relações entre sujeitos, não podem ser de dominação” (FREIRE, 2020, p. 164).

Hoje, apesar de a alienação brasileira continuar chamando o Tiradentes de inconfidente e ao movimento libertador que encarnou, de Inconfidência, o herói nacional não é o que o chamou de bandido e o mandou enforcar e esquartejar, e espalhar pedaços de seu corpo sangrando pelas vilas assustadas, como exemplo. O herói é ele. A história rasgou o ‘título’ que lhe deram e reconheceu o seu gesto. Os heróis são exatamente os que ontem buscavam a união para a libertação e não os que, com o seu poder, pretendiam dividir para reinar. (FREIRE, 2019c, p. 197).

O homem em seu permanente movimento de busca, não “pode buscar na exclusividade, individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos” (FREIRE, 1979, p. 14). O homem enquanto *ser de busca* deve procurar *ser mais* a partir da sua própria experiência com outros seres. Esta se apresenta como condição humanizadora do homem, pois o ser humano aprende *a ser humano* através do sentido e das significações que os outros humanos dão à vida.

Nesta perspectiva, a união tem um papel imprescindível nas relações do ser humano, pois “potencializa e revela o intrincado movimento sujeito-mundo na construção de novas condições do existir e do fazer humano na luta por liberdade com consciência na transformação da história” (ZITKOSKI; CUNHA, 2019, p. 474). Desse modo, Freire reforça a importância de organizar formas de lutas concretas para a transformação social do mundo: mais belo, democrático, humanizado e justo (ZITKOSKI; CUNHA, 2019).

---

<sup>19</sup> Segundo Gadotti (1996, p. 728) em *Paulo Freire: uma biobibliografia*, o *quefazer* é “contraposição de dois termos, típica da linguagem dialética de Paulo Freire, a qual coloca em relevo aquilo que no pensamento do autor é um elemento constitutivo da práxis: ação e reflexão. O fazer não está ligado a reflexão, é cego. O quefazer está ligado à reflexão, é a expressão da práxis. [...]. Todo homem é um ser do ‘quefazer’, isto é, um ser que transformando o mundo, com o seu trabalho, cria o seu mundo. A educação é um ‘quefazer’ permanente em razão da inconclusão do homem e do dever da realidade”.



Portanto, “o Ser Humano, enquanto ser de relações, inacabado e consciente de sua inconclusão, tem, portanto, na sua capacidade de relacionar-se com o mundo, com os outros e consigo mesmo a infinita possibilidade de humanização” (KIMIECIKI, 2019, p. 251). Porém, compete ao diálogo a tarefa de fazer esse encontro dos homens que pronunciam o mundo, na qual o ser humano aprende a admirar e admirar-se, descobrindo, assim, a pessoa do Outro.

### 2.3 O homem enquanto ser de diálogo<sup>20</sup>

Para a filosofia da educação de Paulo Freire, o diálogo torna-se uma exigência da natureza humana (OLIVEIRA, 2004, p. 90). O homem, fortalecido pelo poder de sua palavra, em contato com os outros seres pelo mundo, não poderia deixar de dialogar.

O pensamento antigo até Aristóteles, como afirma Abbagnano (2007, p. 274), coloca o diálogo não somente como uma das formas de filosofar, mas a sua forma típica e privilegiada, haja vista se tratar de “uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca”. O senso comum comunga da mesma ideia ao dizer que o diálogo é a fala entre duas ou mais pessoas, dessa maneira, pode-se inferir o diálogo como um dos fundamentos que constituem o ser do homem.

A exigência do D. está presente, [...], em todas as formas da *dialética* (v.), e não se pode dizer que esteja totalmente ausente da indagação filosófica, que, [...], procede através das teses alheias e da polêmica incessante entre as várias diretrizes de pesquisa (ABBAGNANO, 2007, p. 275).

Para Zitkoski (2010, p. 20), “a base da proposta antropológica freiriana é o diálogo. É na palavra pronunciada, que revela o mundo, que os homens se constroem ao fazerem e refazerem o próprio mundo”. Isso fica ainda mais evidente pelas palavras de Freire quando afirma que “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização” (FREIRE, 2019c, p. 184-185).

Essa condição se torna, portanto, uma das discussões mais calorosas do pensamento freiriano que, com vistas à humanização do homem, reconhece que o caminho da libertação pode se dar somente na convivência com o povo e não com um fechamento a ele.

A partir desse pressuposto, Paulo Freire apresenta duas teorias, a saber: a teoria da ação antidialógica<sup>21</sup> e a teoria da ação dialógica. “A primeira, opressora; a segunda, revolucionário-

<sup>20</sup> É importante salientar que o diálogo é a base da proposta antropológica de Freire. Este subtítulo buscará responder à pergunta: quais os motivos que fazem do homem um ser de diálogo?

libertadora” (FREIRE, 2019c, p. 186). Paulo Freire apresenta a teoria da ação dialógica em sua obra *Pedagogia do Oprimido* na qual elenca quatro características que confirmam a existência do diálogo como algo marcante na vida do homem: a *co-laboração*, a *união*, a *organização* e a *síntese cultural*.

A primeira característica (FREIRE, 2019c, p. 226-234) só pode se dar entre sujeitos. Mesmo que cada sujeito tenha um nível de responsabilidade diferente para com o outro, a *co-laboração* só pode se realizar na comunicação, tendo o diálogo como seu alicerce. “O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza” (FREIRE, 2019c, p. 228).

Na *co-laboração*, os sujeitos em diálogo voltam seu olhar para a realidade e a problematizam. Tal problematização os desafia e os faz agir para a transformação (FREIRE, 2019c, p. 229). Desse modo, o homem, somente, pode transformar e agir no mundo e sobre o mundo se estiver repleto do espírito do diálogo.

Outra característica que conduz o pensamento freiriano sobre o homem é a *união* (FREIRE, 2019c, p. 234-240). Esta ocorre em dois níveis: “a união dos oprimidos entre si e deles com a liderança revolucionária” (OLIVEIRA, 2004, p. 98), sendo que “através da união é possível organizar formas de lutas para a transformação concreta no mundo” (ZITKOSKI; CUNHA, 2019, p. 473).

A união, sob a perspectiva de Freire, potencializa e revela o intrincado movimento sujeito-mundo na construção de novas condições do existir e do fazer humano na luta por liberdade com consciência na transformação da história. Sobretudo, Freire reforça a importância da união dos diferentes setores progressistas na luta por um mundo mais belo, democrático, humanizado e justo. (ZITKOSKI; CUNHA, 2019, p. 474).

Como terceira característica, a *organização* (FREIRE, 2019c, 240-245) “jamais será a justaposição de indivíduos que, gregarizados, se relacionem mecanicistamente” (FREIRE, 2019c, p. 242), pois com ela o indivíduo torna-se capaz de deixar de ser massa para fazer parte do povo.

---

<sup>21</sup> A ação antidialógica pode ser caracterizada por quatro elementos: a conquista, a divisão, a manipulação e a invasão cultural. Segundo Paulo Freire (2019c, p. 186), “o primeiro caráter que nos parece poder ser surpreendido na ação antidialógica é a necessidade da conquista”. Outra característica dessa ação é a divisão. “Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder” (FREIRE, 2019c, p. 190). A divisão, nesse sentido, se valerá “através de métodos, inclusive, fisicamente violentos” (FREIRE, 2019c, p. 190). Não há diálogo, portanto, quando interessa ao poder opressor o enfraquecimento do oprimido, criando divisões entre eles. A terceira característica é a manipulação. Através dela, “as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos” (FREIRE, 2019c, p. 198). E quanto mais imaturas estejam essas massas populares, mais fáceis de manipulação elas ficam. Nessa perspectiva, “manipular, para o autor, significa mitificar a realidade condicionando as massas populares a um ‘pensar falso sobre si e sobre o mundo’ (FREIRE, 1982, p. 101), significa invadi-las culturalmente” (PALUDO, 2019, p. 300). Não ocorre diálogo, portanto, quando o homem silencia a palavra do outro e faz com que ele assuma a palavra do dominador. Por fim, a quarta e última característica da ação antidialógica é a invasão cultural que “como as duas anteriores, serve à conquista” (FREIRE, 2019c, p. 205). Essa invasão cultural despreza as potencialidades do ser humano, inibindo sua criatividade e impondo a ele sua própria visão de mundo.

Organizar, dessa maneira, não pode ser reflexo de uma rigidez autoritária, mas consequência da união com vistas à libertação.

Para Freire (2019c, p. 243), sem disciplina, liderança, ordem e empenho em cumprir suas tarefas, não há organização e, sem ela, não existe ação revolucionária. Ao organizar as massas, a liderança revolucionária instaura o aprendizado da pronúncia do mundo, que é dialógica e verdadeira.

Ao concluir seu pensamento, Paulo Freire apresenta a *síntese cultural* afirmando que “toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no [sentido] de transformá-la” (FREIRE, 2019c, p. 245).

Percebe-se que o homem é um ser produtor de cultura. Esta que “é o resultado da práxis, isto é, da ação e reflexão do homem no mundo e sobre o mundo” (OLIVEIRA, 2004, p. 87).

A percepção do homem como produtor de cultura é independente da constatação do homem como ser de práxis; ao transcender o mundo ele se torna um agente que interfere na realidade. A cultura é a produção tipicamente humana no mundo, incorporação criativa do homem à realidade, fruto de sua decisão e ação sobre o material que a natureza lhe oferece. (OLIVEIRA, 2004, p. 87).

Cabe salientar também que a síntese cultural deve ocorrer entre todos os seres humanos, numa ação integrada, em que todos são sujeitos da própria história e cultura. Tal particularidade permite inferir que todos são atores e nenhum pode ser expectador. A síntese cultural, segundo Freire, não implica uma negação das diferenças, mas um acolhimento delas. Implica, pois, uma cooperação mútua em vistas à pronúncia do mundo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é um ser de relações; estas se dão com o mundo, pelo mundo e no mundo. Essa característica mostra que o ser humano está, constantemente, saindo de si mesmo e exteriorizando suas experiências relacionais. Como tal, ele é também um ser inacabado, em constante processo de construção de si mesmo, que muitas vezes cai na armadilha do seu ego, tornando-se individualista.

Com o diálogo as relações tornam-se menos egocêntricas e o que ora se via como uma experiência antidialógica com a qual se queria conquistar, dividir, manipular e invadir o outro ser

humano, agora pode se tornar uma ação dialógica na qual se busca colaborar, unir, organizar e agir culturalmente com vistas à liberdade.

Portanto, Paulo Freire, ao conceituar o homem, valoriza a sua subjetividade, o papel da conscientização humana, a tarefa da criticidade nas relações de poder e de classe, bem como a interação do sujeito na realidade social, com a finalidade de alterar o sentido da educação e de dar voz e vez à transformação cultural (ZITKOSKI, 2010, p. 19).

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo R. América Latina. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 37-39.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna **Fundamentos de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

Diálogo. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIA, Luciano. Como se constitui o sujeito? In: \_\_\_\_\_. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 34-61

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 58. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, 1996.

Humanismo. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 518-519.

KIMIECIKI, Domingos. Homem/Ser Humano. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 249-251.

OLIVEIRA, Paulo César de. **Fundamentos do Pensamento de Paulo Freire**. Três Corações: Ediarte, 2004.

OSOWSKI, Cecília Irene. Cultura do Silêncio. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 121-123.

OSOWSKI, Cecília Irene. Sujeito/Objeto. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 441-442.

PALUDO, Conceição. Manipulação. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 300-301.

Status. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 932.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TORRES NOVOA, Carlos Alberto. **Diálogo e práxis educativa** – Uma leitura crítica de Paulo Freire. Trad. Mônica Mattar Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TROMBETTA, Sérgio, TROMBETTA, Luis Carlos. Inacabamento. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 260-261.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica I**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ZITKOSKI, Jaime José; CUNHA, Marion Machado. União. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 473-474.

*Recebido em:* 01 out. 2021  
*Aprovado em:* 30 out. 2021

